

OLHARES DOCENTES

A luta da mulher quilombola¹

Yara Inis Pacheco

Licenciada em Geografia e docente da Rede Municipal De Ensino Siderópolis – SC



Maria de Jesus Ferreira Bringelo, conhecida como Dona Dijé, mulher, negra, quebradeira de coco babaçu da comunidade quilombola de Monte Alegre (MA). Faleceu em 2018 aos 70 anos, dias após tomar posse como conselheira nacional de povos e comunidades tradicionais. Foto: Avanildo Duque

A pesar de a Constituição Federal garantir às comunidades quilombolas o direito fundamental de acesso aos seus territórios tradicionais, a realidade enfrentada é outra. A titulação de seus territórios é a principal reivindicação do movimento quilombola, que há décadas espera por esse reconhecimento para ter acesso à uma série de outros direitos básicos.

Sem a titulação muitas atividades de geração de renda ficam comprometidas e as comunidades são

sumariamente atacadas por fazendeiros e grileiros da região que adentram em seus territórios desrespeitando e ameaçando seu espaço e seu modo de vida. Além da luta pela garantia da terra, cada quilombo apresenta suas especificidades e desafios relacionados a elas.

Com muitas outras batalhas pela frente, a luta das mulheres quilombolas se desmembra a diversos outros desafios cotidianos que as acompanham. A violência contra a mulher, persistente em muitas comunidades quilombolas, e a eliminação do racismo são centrais na luta das mulheres quilombolas que juntas continuam a história de luta e resistência de suas ancestrais e constroem uma nova trajetória de um projeto de emancipação coletiva, forte e ancestral.

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.